

ENFRENTANDO CONFLITOS ESCOLARES VISLUMBRAMOS A CULTURA DE PAZ COMO POSSIBILIDADE: ALGUMAS REFLEXÕES

OLIVEIRA, N.R.M.¹, MARTINS, C.S.L.²

¹ Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) – Bagé – RS – Brasil - profenarita@gmail.com

² Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) – Bagé – RS – Brasil - claudeteslm@gmail.com

RESUMO

Este trabalho apresenta uma reflexão sobre conflitos escolares e a construção de paz através da resolução dos mesmos, portanto se tem por objetivo apresentar uma discussão a respeito da forma com que as escolas buscam resolver os conflitos que ocorrem no ambiente escolar. Esta discussão é oriunda da monografia de conclusão do curso de Especialização em Educação e Diversidade Cultural da Universidade Federal do Pampa, intitulada “Polícia Civil e Escolas: construindo pontes para uma cultura de paz”. A pesquisa foi planejada como uma pesquisa social explicativa e teve como metodologia os pressupostos da pesquisa-ação, ocorreu entre os meses de abril e junho do ano de 2017, e para esta reflexão teve como sujeitos quinze professores de cinco escolas de educação básica do município de Bagé. Como instrumentos de coleta de dados foram usados questionários com perguntas pré-definidas. Concluímos que diante da diversidade de conflitos escolares as escolas encontram maneiras pacíficas de resolução propiciando aos seus estudantes uma visão de convivência harmônica.

Palavras-chave: adolescentes; escolas; conflitos escolares; cultura de paz.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Cotidianamente as escolas lidam com situações de conflitos (violentos ou não), e que apresentam como protagonistas, em geral, estudantes adolescentes, professores e pais.

Quando pensamos na palavra conflito, naturalmente não pensamos em nada bom, pois até o dicionário nos traz significações que assustam: “altercação, desordem, pendência, choque, embate, luta, oposição” (FERREIRA, 1986, p. 1510). Porém, é preciso que ampliemos nossos olhares sobre os conflitos, pois o modo como vemos um conflito influencia sobremaneira nosso modo de enfrentamento. Estamos em movimento, precisamos buscar alternativas, somos, de certa forma, alquimistas descobrindo caminhos, revisitando teorias e criando novas, uma vez que:

As coisas, palavras, pensamentos, teorias, práticas educacionais não existem por si mesmas, não estão fixadas, não são eternas nem universais. Elas não são. Ou melhor: são à medida, e somente à medida, que se fazem, à medida que se revelam como um por-fazer, como um esforço de conquista e de reconquista dos percursos da Educação. (CORAZZA, 2009, p. 13).

As palavras têm muita força, costumam conceituar as coisas e assim tendem a influenciar pensamentos, mas é justamente através da reflexão que podemos romper com as influências e construir novos caminhos.

Portanto, este trabalho tem por objetivo apresentar uma discussão a respeito da forma com que as escolas buscam resolver os conflitos que ocorrem no ambiente escolar. A seguir apresentarei a metodologia utilizada, os resultados e discussões tecidas bem como as considerações finais do trabalho acompanhadas de algumas conclusões e das referências.

2 METODOLOGIA

A pesquisa que originou essa reflexão foi planejada como uma pesquisa social explicativa e teve como metodologia os pressupostos da pesquisa-ação (THIOLLENT, 1985 *apud* GIL, 2002);

Ocorreu entre os meses de abril e junho do ano de 2017, e para esta discussão teve como sujeitos de pesquisa quinze professores, todos atuando nos cargos de gestão, de cinco escolas de educação básica do município de Bagé. Como instrumento de coleta de dados foram usados questionários com perguntas pre-definidas e os dados colhidos foram analisados a partir dos ensinamentos de Bardin (2009).

Nosso objetivo é demonstrar a capacidade que a escola tem de perceber e encontrar meios de resolução pacífica de conflitos. Desta forma esta reflexão justifica-se pela relevância das discussões que apresenta e pela possibilidade de compartilhar resultados positivos e em desenvolvimento nas escolas de Bagé RS.

3 REFLEXÕES RESULTANTES DOS DADOS

Conflitos: o que fazer? Fugir deles, fazer de conta que eles não existem?, Ou, percebê-los como uma realidade e oportunidade de crescimento que conduzirá a mudanças pacíficas e criativas dentro de um convívio possível?

“Conflito é toda a opinião divergente ou maneira diferente de ver ou interpretar algum acontecimento” (CHRISPINO, 2007, p. 15). Desse modo, podemos pensar que todos nós, enquanto seres humanos, que vivemos em sociedade, em algum momento, já nos envolvemos com algum tipo de conflito. Cabe também refletir quando estamos no ambiente escolar, a respeito de conflitos que são gerados a partir de alguns termos, tais como: bagunceiro, indisciplinado, desordeiro, violento, o que pode gerar algumas confusões, uma vez que podem se misturar e os danos serem maiores, o que nos faz abrir um parêntese, para pensar sobre: violência, indisciplina e incivilidade:

A **violência** é contra a lei e seu dano não é restrito ao espaço escolar, pois em qualquer lugar que aconteça, deverá ser punida: furtar por exemplo. A **transgressão é a indisciplina** e fere o regimento escolar e suas regras: não ir com o uniforme escolar ou deixar de fazer as atividades previstas. A **incivilidade** é a falta de boas maneiras que transparece na desatenção ao bom relacionamento com colegas e funcionários da escola: gritar e correr pela sala transtornando o ambiente são exemplos disso. (grifo nosso) (BRASIL, 2013 p. 56,57).

Com tamanha infinidade de possibilidades de conflitos alguns estudiosos efetuaram classificações dos tipos de conflitos, dentre os quais elegemos o teórico Daniel Fernando Martinez Zampa (MARTINEZ ZAMPA, 2005, 31-32 *apud*

CHRISPINO 2007) por atender às demandas que entendemos estão no contexto escolar por acontecerem no espaço próprio da escola ou com seus atores diretos.

Desta forma:

Os conflitos que ocorrem com maior frequência se dão: **entre docentes** (por falta de comunicação, interesses pessoais, questões de poder, divergências em posições políticas ou ideológicas); **entre alunos e docentes** (por, não entender o que explicam, notas arbitrárias, avaliações inadequadas – na visão do aluno, não serem ouvidos, discriminação,); **entre alunos** (por, mal-entendidos, brigas, rivalidade de grupos, *bullying*¹, namoro, assédio sexual); **entre pais, docentes e gestores** (por, agressões ocorridas entre alunos e entre os professores, associação de pais e mestres, critérios de avaliação, aprovação, reprovação) (MARTINEZ ZAMPA, 2005, p 31-32 *apud* CHRISPINO, 2007, p. 21).

Podemos perceber, nessa classificação, que todas as questões que normalmente geram conflitos, são pertinentes ao ambiente escolar, dizem respeito ao espaço que é dividido por todos. Aqui o que vai variar é a forma de lidar com os conflitos, por cada escola, pois poderemos estar diante de uma que os veja como instrumento de crescimento e outra que os interprete como grave problema que deva ser abafado. Queremos chamar a atenção sobre a capacidade de percepção da escola sobre a existência do conflito e sua capacidade de reagir de forma positiva, transformando os conflitos em aprendizados que ecoem para toda a vida da comunidade escolar.

Os conflitos abrem um leque de possibilidades dentre as quais, trocar a cultura da violência, do desentendimento, da falta de diálogo, pela cultura de paz. Todos, podemos ser construtores de paz, pois daí demanda nosso crescimento.

Segundo o senhor Federico Mayor, ex-diretor da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO (MAYOR, s/a, s/p *apud* MALDONADO, 2004):

Construir a paz é empreender uma ação preventiva [...] Toda ação individual conta, por modesta que seja, instaurar uma cultura de paz é algo que diz respeito a todos [...] é um estado da sociedade para o qual todo o cidadão contribui a cada instante [...] Na família, na escola, no trabalho, nos parlamentos e nos bares, temos de defender diariamente as possibilidades da paz. (MAYOR, s/a, s/p *apud* MALDONADO, 2004, p. 91).

A despeito do misto de violências, indiferenças, preconceitos e intolerâncias que sempre estiveram presentes em todas as épocas da humanidade, em todas as culturas, e considerando que ainda está, o que observamos é que a grande maioria das pessoas convive bem com as diferenças, demonstrando que a paz é mais comum do que a violência. A cultura de paz apresenta uma premissa simples e ao mesmo tempo bem complexa, mas totalmente possível de ser administrada: a base da cultura de paz é a convivência com a diversidade.

¹ *Bullying* é uma palavra de origem inglesa adotada em muitos países para definir “o desejo consciente e deliberado de maltratar uma outra pessoa e coloca-la sob tensão”(TATUM, HEBERT *apud* FANTE, 2008, p.33).

Os professores participantes, todos gestores, revelaram os conflitos mais recorrentes, as dificuldades de lidar com as contendas e as formas como trabalham com as situações, bem como, foi também possível averiguar que em todas as escolas há uma prioridade para resoluções pacíficas.

Apesar de estarmos em escolas de Ensino Fundamental, pudemos constatar uma das muitas ideias constantes no Caderno II do Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio:

“Nas sociedades modernas, a escola é a instituição que tem a função específica de forjar novas gerações para a vida social. Seus tempos, espaços, métodos e estruturas são definidos com a intencionalidade educativa. Nesse contexto, diferentes gerações se encontram. Como diz Teixeira (2007), “na relação professor e aluno está o coração da docência”.” (grifos nosso) (BRASIL, 2013, p.53).

A seguir alguns relatos dos professores que traduzem nossas interpretações:

Relato 01

“Alunos que brigam com colegas, não respeitam professores e funcionários e muitas vezes professores e funcionários que não se respeitam e não respeitam os alunos; pais que não valorizam a educação dada pela escola. A maior dificuldade é a distorção de valores onde a escola “tenta” passar alguns e os alunos “fazem” que entendem, valores estes que em sua maioria as famílias não tem. [...] As dúvidas que surgem ao lidar com estes conflitos são como passar valores, que nem nossos governantes os consideram mais como importantes à vida coletiva.” (DIRETOR(A), questionário, 2017).

Relato 02

“Os principais problemas estão ligados a desentendimentos entre alunos devido a intolerância de todos os tipos; casos de bullying; problemas advindos do uso indevido das redes sociais. Acredito que a escola tem como principal dificuldade, ao lidar com esses assuntos, a falta de apoio dos responsáveis. As principais dúvidas que surgem tem a ver com as atitudes que podem ser tomadas para coibir esses eventos sem ferir as legislações vigentes.” (DIRETOR(A), questionário, 2017).

Se por um lado os conflitos são inerentes ao ambiente escolar, alguns inevitáveis, outros desnecessários, por outro lado, há todo um empenho em resolução, em incentivar um convívio salutar, em buscar maneiras de mediação como forma de educar pela palavra e pela reflexão a todas as partes envolvidas.

Observamos em cada escola, nas relações de professores e alunos, um dos muitos ensinamentos de MALDONADO (2004) quando diz que:

[...] a educação pela paz tem como objetivo transmitir maneiras não violentas de resolver conflitos e transformar a energia do conflito [...] de modo construtivo. [...] é essencial valorizar a vida e a afetividade nos relacionamentos a fim de construir uma base sólida para os acordos que resolvem os conflitos [...] a cultura da paz baseia-se na criação de padrões de comportamento e recursos de comunicação não violentos. (MALDONADO, 2004, p. 100, 107, 113)

Algumas ações e esforços para uma cultura de paz são bem pontuais e ficam revelados nas respostas dos professores:

“Temos um projeto na escola por tempo indeterminado (Já faz 9 anos) “Construtores da Paz: por uma escola sem drogas e sem violência”. Construímos medidas preventivas com o fim específico de prevenção ao uso de drogas [...] valorização do papel da família na condução de seus filhos numa parceria com a escola. Estimular práticas que visem valorização da vida. [...] Salientamos que o projeto “Construtores da Paz”, abrange alunos do pré ao 9º ano.” (ORIENTADOR(A), questionário, 2017).

Acreditamos na ideia de que toda e qualquer atitude que tenha como objetivo caminhar em direção da construção de uma cultura de paz respeitando o ser como humano, diverso e inacabado é um ato de coragem que se perpetua pela força do amor.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: LUZES QUE APONTAM NOVAS REFLEXÕES

Concluimos que diante da diversidade de conflitos escolares as escolas encontram maneiras pacíficas de resolução propiciando aos seus estudantes uma visão de convivência harmônica. Foi possível compreender que é na escola que as discussões e construções para a paz podem e devem ser incentivadas.

Acreditamos que a construção de uma cultura de paz passa pela mobilização dos indivíduos, pelo entendimento de que não acabaremos com os conflitos, mas de que é possível soluções harmônicas e mais humanas e que a maneira como enfrentamos uma situação difícil vai determinar todo o seu desfecho. Uma cultura de paz que possa ficar impregnada em um agir/fazer de cada pessoa que com ela tenha contato e que de alguma forma possam ser multiplicadores dessas novas formas de resolução de conflitos, sobretudo no ambiente socializante da escola.

5 REFERÊNCIAS

- Bardin, L. (2009) *Análise de conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70 LDA.
- Brasil. (2013) Secretaria de Educação Básica. *Formação de professores do Ensino Médio, etapa I – caderno II: o jovem como sujeito do Ensino Médio*/Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica; organizadores Paulo Carrano, Juarez Dayrell. Curitiba:UFPR/Setor de Educação.
- Chripino, Á. (2007) *Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação*. In. *Educ.* v.15 nº 54 p 11-28. Rio de Janeiro.Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v15n54/a02v1554.pdf>, Acesso 20 nov2016
- Corazza, S. M. (2009) *A educação do século XXI: desafio da diferença pura*. In. *ARIÚS: revista de ciências humanas e artes*. – v. 1, n. 1, (out./dez. 1979) – v. 15, n. 1 (jan./jun. 2009). – Campina Grande: EDUFCG. p. 9-18. Disponível em http://www.ch.ufcg.edu.br/arius/01_revistas/v15n1/00_arius_v15_n1_2009_edicao_completa.pdf Acesso em 31 mar. 2016.
- Fante, C. (2008) *Bullyingescolar: perguntas & respostas*. Porto Alegre: Artmed.
- Ferreira, A.B.H. (1986) *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2ª ed. Revista e aumentada. 36ª impressão. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- Gil, A.C.(2002) *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ª ed.São Paulo: Atlas.
- Maldonado, M.T. (2004) *Os construtores da paz: caminhos da prevenção da violência*. São Paulo: Moderna.